

RECONCILIANDO CORPO E MENTE: Uma Aproximação Teórica entre Cognição Corporificada e Letramentos Contemporâneos

Natalia de Lima Nobre¹

Resumo

Nas últimas décadas, parece haver uma cisão entre as ciências cognitivas e os estudos sobre letramento. Essa desvinculação aponta para uma concepção de cognição como restrita a habilidades e competências individuais contidas em uma mente desvinculada de seu entorno biofísico e sociohistórico, habilidades de uma computação (codificação e decodificação) específica do signo linguístico. Entretanto, desde a década de oitenta, tem sido construído um diálogo interessante entre perspectivas cognitivas e sociais para o estudo da construção de sentidos. Tomando como ponto de partida essa possibilidade de diálogo, buscaremos no presente trabalho demonstrar como a vertente da Linguística Cognitiva conhecida como Corporificada (LAKOFF; JOHNSON, 1999), bem como desenvolvimentos das ciências cognitivas apresentam uma visão de cognição humana compatível com e útil a atuais propostas de letramentos e demandas sociocomunicativas e interacionais de nossos dias. Para tanto, primeiramente, faremos uma pequena revisão das bases filosóficas que subjazem à concepção de cognição como atividade puramente mental e sua recente desconstrução pós-moderna. Em seguida, buscaremos situar a hipótese de uma cognição corporificada no paradigma das Ciências Cognitivas. Por último, apontaremos alguns caminhos de intersecção frutífera entre a Linguística Cognitiva Corporificada (Embodied Cognitive Linguistic) e os Estudos em Letramento na contemporaneidade.

Palavras-chave: Letramentos Contemporâneos. Linguística Cognitiva Corporificada. Demandas Sociocomunicativas. Processamento do Discurso.

¹Doutoranda pelo PIPGLA/UFRJ e professora do Departamento de Letras da UFRN.

RECONCILING BODY AND MIND:

A Theoretical Approach between Cognition and Contemporary Literacies

Abstract

In the last decades, there seems to be a split between the cognitive sciences and literacy studies. This unlinking points to a conception of cognition as restricted to the individual skills and competences contained in a mind unrelated to its biophysical and sociohistorical environment, a computational (encoding and decoding) specific to the linguistic sign. However, since the 1980s, an interesting dialogue between cognitive and social perspectives has been constructed for the study of the construction of meanings. In this paper we will try to demonstrate how the Cognitive Linguistics aspect known as Corpored (LAKOFF; JOHNSON, 1999), as well as developments in the cognitive sciences present a view of human cognition compatible with and useful to current proposals of literacies and sociocommunicative and interactive demands of our day. To do so, we will first make a small revision of the philosophical underpinnings underlying the conception of cognition as a purely mental activity and its recent postmodern deconstruction. Next, we will seek to situate the hypothesis of a cognition embodied in the Cognitive Sciences paradigm. Finally, we will point out some paths of fruitful intersection between the Embodied Cognitive Linguistic and the Literature Studies in contemporaneity.

Keywords: Contemporary Literature. Cognitive Linguistics. Sociocommunicative demands. Speech Processing.

O corpo é um instrumento que registra seus usos anteriores, e que, embora continuamente modificado por eles, dá maior peso ao anterior deles; ele contém (...) o traço e memória dos eventos sociais (Pierre Bourdieu – The economics of linguistic exchanges)

A compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo; que não só a mente tem de passar de um *cogitum* não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com o meio ambiente físico e social (Antônio Damásio – O erro de Descartes).

Introdução

Nas últimas décadas, parece haver uma cisão entre as ciências cognitivas e os estudos sobre letramento. A agenda contemporânea das pesquisas em letramentos tem se voltado para os contextos sociais, para as práticas de

letramento(s) locais e contextuais pelas quais os sujeitos operam em grupos sociais para além das salas de aula (BAYNHAM; PRINSLOO, 2009), para as relações de poder e hierarquia social que definem (ou tentam definir) o que conta como letramento e para a multimodalidade proporcionada pelos meios digitais de produção e circulação de textos.

Essa nova direção² parece indicar um afastamento de questões cognitivas, sendo muitas vezes descrita sob os termos de “afastamento de questões pedagógicas e psicolinguísticas” ou oposição “a posição que vê letramento como uma mera questão de habilidades, como um processo único, no qual leitores e escritores são (...) mais ou menos proficientes processadores de textos” (BAYNHAM; PRINSLOO, 2009). Tais definições apontam para uma concepção de cognição como restritas a habilidades e competências individuais contidas em uma mente desvinculada de seu entorno biofísico e sociohistórico, habilidades que diriam respeito a uma computação³ (codificação e decodificação) específica do signo linguístico.

Tal concepção de mente *descorporificada*⁴ muito relaciona-se com uma perspectiva cognitivista bem atuante desde meados do século passado: gerativismo, que ancora-se em uma concepção internalista, autônoma e essencialista de linguagem e de cognição, atrelada a um projeto modular de mente. Entretanto, sua fundação remonta à radical separação clássica e ocidental entre mente e corpo e atividade mental interna e sem qualquer localização física e social. Esta separação, por sua vez, se desenrola sobre um embate filosófico e epistemológico mais amplo, que diz respeito às condições gerais que possibilitam aos seres humanos construir conhecimentos e significados e foi fundamental para o estabelecimento da racionalidade moderna. Nesse sentido, renovam-se antigas questões filosóficas em torno de dicotomias como mente/corpo, objetividade/subjetividade, raciocínio/imaginação, inato/adquirido, lógica/senso comum.

²Segundo Baynhan e Prinsloo (2009), nos últimos vinte e cinco anos, os estudos em letramento têm passado por uma virada conceptual, construindo uma nova direção de pesquisa frequentemente chamada de New Literacy Studies (NLS – Novos Estudos em Letramento).

³Desde meados da década de 50, com os avanços nos estudos das Ciências da Computação da época, “a cognição passa a ser explicada a partir do pressuposto de que o agente executa ações com base [em] representações com a finalidade de resolver problemas que lhe são apresentados. A assunção de que o comportamento depende de uma capacidade cognitiva internalizada fundamenta a ideia de que a cognição pode ser bem explicada se for compreendida como uma computação (operação lógica realizada sobre símbolos, repercutindo na execução de determinadas funções)” (DUQUE; COSTA, 2011)

⁴O termo usado em inglês para esse conceito é *disembodied*, traduzido por desencarnado, descorporificado, desencorpado.

Entretanto, desde a década de oitenta, conforme Koch e Cunha Lima (2011), tem sido construído um diálogo interessante entre perspectivas cognitivas e sociais⁵,

Criando espaços muito frutíferos para o desenvolvimento de pesquisas que compreendam fenômenos cognitivos em geral, e a linguagem em particular, como fenômenos capazes de oferecer modelos de interação e da construção de sentidos cognitivamente plausíveis ou cognitivamente motivados e, ao mesmo tempo, como fenômenos que acontecem na vida social. (...) Entre esses pesquisadores estão dissidentes do gerativismo clássico, como George Lakoff ou Ronald Langacker, que propõem que a linguagem seja vista como uma forma de ação no mundo, integrada a outras capacidades cognitivas. (Idem, p. 254, 255)

Pesquisadores das áreas sociais também passaram a se preocupar com a dimensão cognitiva de seus modelos (GIBSON, 1979; JOHNSON, 1987; SINHA, 1988; HUTCHINS, 1995, BARDONE, 2011). A atividade de processamento da linguagem para tais pesquisadores seria altamente situado e sensível ao contexto sócio-histórico. Trata-se de uma cognição que não se restringe à mente, nem mesmo aos corpos dos indivíduos, mas acontece socialmente, nas interações que as pessoas constroem com seu entorno biofísico e social.

Tomando essa possibilidade de diálogo entre uma perspectiva social e uma perspectiva cognitiva para o estudo da construção de sentidos, buscaremos no presente ensaio demonstrar como a vertente da Linguística Cognitiva conhecida como Corporificada (LAKOFF; JOHNSON, 1999), bem como desenvolvimentos das ciências cognitivas apresentam uma visão de cognição humana compatível com e útil a atuais propostas de letramentos e demandas sociocomunicativas e interacionais de nossos dias.

Para isso, primeiramente, faremos uma pequena revisão das bases filosóficas que subjazem à concepção de cognição como atividade puramente mental e sua recente desconstrução pós-moderna. Em seguida, buscaremos situar a hipótese de uma cognição corporificada no paradigma das Ciências Cognitivas. Por último, apontaremos alguns caminhos de intersecção frutífera entre a Linguística Cognitiva Corporificada (*Embodied Cognitive Linguistic*) e os Estudos em Letramento na contemporaneidade.

⁵Para uma discussão acerca das intersecções entre Ciências Cognitiva e linguística Aplicada, ver GERHARDT. É de pessoas que se trata: o lugar da Linguística Cognitiva numa Linguística Aplicada Indisciplinar. No prelo.

A separação entre mente e corpo na tradição ocidental

Excluir os aspectos cognitivos ou dar-lhes menor importância nos estudos de letamentos parece estar ligado a uma concepção de cognição como atividade puramente interna, individual, separada da experiência social e corpórea. Sob essa concepção, a atividade mental se daria sob as mesmas condições para qualquer indivíduo, pois estaria submetida a regras inatas e universais de funcionamento. Essa concepção de cognição, embora ainda em vigor em algumas correntes, tem suas raízes na tradição filosófica Ocidental, e está na base da construção da racionalidade moderna.

A racionalidade ocidental, desde Platão, nos legou uma abissal separação entre mente e corpo, espírito e matéria, intelecto e experiência. Mas Descartes levou essa cisão a sua formulação extrema ao afirmar, não apenas que mente e corpo são separados, mas que são, assim como em sua concepção seria a realidade, constituídos de substâncias diferentes: substância mental (*res cogitans* – não divisível e não espacial) e substância material (*res extensa* – divisível e ocupando lugar no espaço) (DUQUE; COSTA, 2011).

Conforme Damásio (2012), a célebre frase de Decartes, “penso, logo existo”, sugere ainda que é a atividade intelectual, racional o verdadeiro substrato da existência, e da Verdade. Para Descartes, é somente através da atividade mental que o ser humano pode obter conhecimento seguro sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia.

Entretanto, essa concepção cartesiana de ser humano cindido em corpo/mente gera problemas ontológicos e epistemológicos para a compreensão da experiência humana, os quais, em certa medida, tem acompanhado o desenvolvimento das ciências humanas no Ocidente até os dias atuais.

Um problema ontológico advindo dessa concepção é como se unem mente e corpo, uma vez que são de substâncias distintas. A razão, na concepção cartesiana, pode fazer uso da materialidade apresentada pelos sentidos, mas não é ela mesma de natureza corporificada.

Não há nada sobre os seres humanos mencionados em qualquer lugar nesta conta - nem a sua capacidade de entender, nem a sua atividade imaginativa, nem sua natureza como organismos em funcionamento, nem qualquer outra coisa sobre eles. (...) a natureza humana (a corporeidade humana) do entendimento não tem qualquer influência significativa sobre a natureza do significado e da racionalidade. A estrutura da racionalidade é considerada como transcendendo estruturas da experiência corporal. E o significado é considerado como objetivo, porque consiste apenas na relação entre símbolos abstratos e coisas (com suas propriedades e relações) no mundo. Como consequência, a forma como os seres humanos compreendem as coisas como significativas - a maneira como compreendem a sua experiência - é considerada acessória em relação à natureza do pensamento significativo e da razão. (JOHNSON, 1987, p. 10)

Para Descartes, a junção dessas duas substâncias se daria em algum lugar do cérebro (glândula pineal). Mas, embora aprisionada no corpo, a mente teria sua própria “essência”, as ideias e a lógica ou razão que as rege e organiza, ambas transcendendo a natureza e a experiência humanas (TEIXEIRA, 2000), ou seja, sua situatividade sócio histórica e sua ação.

Desta concepção bifurcada da experiência humana decorre outro problema, de natureza epistemológica: se o que nossa mente conhece é de natureza imaterial (suas próprias ideias submetidas a regras lógicas), como podemos conhecer o mundo (ou mundos) que nos rodeia(m)? A resposta de Descartes recai em uma explicação teológico-filosófica que envolve (1) a existência de uma realidade (e uma racionalidade) objetiva, transcendental, *a priori* e independente da ação e pensamento humanos e do desenvolvimento histórico, e (2) a garantia dada por Deus do acesso às características, propriedades e relações dessa realidade pela participação na racionalidade divina. Sob a perspectiva em tela,

O mundo consiste em objetos que têm propriedades e estados em diversos sentidos independentes do entendimento humano. O mundo é como é, não importa o que qualquer pessoa passa a acreditar sobre ele, e há um correto "ponto de vista de Deus" sobre o que o mundo realmente é. Em outras palavras, há uma estrutura racional da realidade, independente das crenças de todas as pessoas em particular, e a razão correta espelha essa estrutura racional. (JOHNSON, 1987, p. 10)

Essa perspectiva acarreta sérias implicações para a concepção de linguagem, de cognição humana e de significado.

Para descrever uma realidade objetiva desse tipo, precisamos de uma linguagem que expresse conceitos que podem mapear os objetos, suas propriedades e relações em uma literal e unívoca forma independente de contexto. Raciocinar para obter conhecimento de nosso mundo é visto como exigindo a união de tais conceitos em proposições que descrevem aspectos da realidade. A razão é, assim, uma capacidade puramente formal para conectar e fazer inferências a partir destes conceitos literais de acordo com as regras da lógica. As palavras são símbolos arbitrários que, embora sem sentido em si mesmos, recebem o seu significado em virtude de sua capacidade de corresponder diretamente às coisas do mundo. E o pensamento racional pode ser visto como manipulação algorítmica de tais símbolos. (idem, p. 10)

Tal perspectiva transcendental de cognição, separada da vida cotidiana, da experiência sensível, quase teológica, foi a base que justificou durante muito tempo a hierarquização da inteligência e da civilização dos povos, a subalternização de saberes e cosmovisões.

O objetivismo que tal cognitivismo sustenta possibilitava (e ainda possibilita) a reivindicação de *uma* verdade. O conhecimento era como que gerado, nas palavras de Mignolo (2003, p. 42), a partir do Espírito ou do Ser, de uma hermenêutica “monotópica (isto é, *uma* perspectiva de *um* sujeito cognoscitivo, situado numa terra-de-ninguém universal)”.

E, mesmo em pleno século 20, esse objetivismo transcendental possibilitou que Max Weber ignorasse a subalternização do conhecimento do processo colonial e celebrasse “o verdadeiro saber [ocidental] como valor universal” (MIGNOLO, 2003, p. 23). Esse sujeito universal foi aparato conceitual que ancorou e continua ancorando a classificação e hierarquização dos povos e seus sistemas de conhecimentos, que continua a sustentar uma “colonialidade do poder”.

Embora não estejamos estagnados na dualidade cartesiana, muitas tentativas de superar ou “implodir” a racionalidade moderna acabam por trazer o “ranço” dessa orientação dual, agora por rejeitar qualquer participação ou importância de aspectos cognitivos na experiência humana em seus diversos contextos sociais, ou negar o papel da configuração física e biológica (o corpo propriamente dito) na atividade cognitiva/mental.

Ora toma-se a mente como puramente interna por não ter ligação com a experiência sensível ora por consistir em um programa computacional de uma “máquina cerebral” que nada tem a ver com a experiência social. Em ambas as

versões, há uma compreensão de cognição de-situada, alheia aos contextos em que acontece e aos agentes que a realizam.

Para o neurocientista português António Damásio, o erro de Descartes em separar mente e corpo continua a prevalecer.

Pode bem ter sido a ideia cartesiana de uma mente separada do corpo que esteve na origem, na metade do século XX, da metáfora da mente como programa de *software*. De fato, se a mente pudesse ser separada do corpo, talvez fosse possível compreendê-la sem nenhum recurso à neurobiologia, sem nenhuma necessidade de saber neuroanatomia, neurofisiologia e neuroquímica. É interessante e paradoxal que muitos investigadores em ciência cognitiva, que se julgam capazes de investigar a mente sem nenhum recurso à neurobiologia, não se considerem dualistas.

A separação cartesiana pode estar também subjacente ao modo de pensar de neurocientistas que insistem em que a mente pode ser perfeitamente explicada em termos de fenômenos cerebrais, deixando de lado o resto do organismo e o meio ambiente físico e social – e, por conseguinte, excluindo o fato de parte do próprio meio ambiente ser também um produto das ações anteriores do organismo. (...) não só a mente tem de passar de *cogitum* não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social. (DAMÁSIO, 2012, p. 220, 221)

A pós-modernidade, em sua crítica à racionalidade moderna, dá um grande passo para a retirada da mente “do nenhures etéreo que ocupou desde o século XVII”, através da implosão da lógica “logocêntrica”⁶ e essencialista com seus significados transcendentais e universalmente válidos, por meio de uma desessencialização da realidade e restabelecimento do papel da experiência e dos contextos não só na compreensão, mas também na construção dessa realidade (DERRIDA, 1973).

Para o conhecido teórico da pós-modernidade Zygmunt Bauman, a visão de mundo pós-moderna dissipa toda a ‘objetividade’.

Nosso tempo é marcado pelo fim da hierárquica estrutura de valores e a rejeição de todo tipo de recorte binário, que representam o domínio do cultural sobre o código natural, como os cortes entre o Ocidente e o resto, instruídos e ignorantes, estratos superior e inferior. (BAUMAN, 1992, p.)

⁶Logocentrismo é a suposição de que tanto sinais falados quanto escritos são apenas dicas e expressões externas de significados mais profundos e verdades, verdades que se encontram tanto em pensamentos de homens ou, em última instância, as mentes dos deuses”. (BROCKMEIER; OLSON, 2009, p. 15)

A percepção pós-moderna do mundo é irredutivelmente pluralista, com o poder e a autoridade dividida em um grande número de unidades e lugares, sem uma pré-determinada ordem horizontal ou vertical.

A questão central é como localizar, identificar, separar um mundo particular, sabendo muito bem que este mundo é apenas um dos muitos possíveis e coexistentes; e que a exploração deste mundo, apesar de profunda, é pouco provável que nos leve mais perto da verdade universal ou de descobertas capazes de reivindicar legitimamente, quer geral, ou exclusiva validade obrigatória. (BAUMAN, 1992, p. 30)

Derrida, em sua Gramatologia, também defende “a destruição, não a demolição, mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *logos*. Em especial a significação de verdade”. Ao discutir o “transbordamento e apagamento” do conceito ocidental de linguagem para além do imperialismo do *logos*, esse autor chama a atenção como a noção de signo saussuriana “não adere apenas (e já é muito) a distinção entre o sensível [significante] e o inteligível [significado]”. Uma concepção que olha para a língua em sua transparência, como se os signos exprimissem naturalmente as coisas e os estados da alma.

Tais teóricos da pós-modernidade apontam para a razão pela qual os aspectos cognitivos têm muitas vezes sido excluídos da agenda dos estudos contemporâneos do letramento, a saber, a inclusão da cognição em categorias subjacentes do espectro cartesiano, ora na mente imaterial, não localizável e transcendental, ora no cérebro puramente bioquímico e desvinculado de um corpo, qual hardware de um computador.

O corpo na mente

Conforme mencionado anteriormente, a radical separação entre fenômenos internos (cognitivos/mentais) e fenômenos externos (corpóreos e sociais) parece estar na base da separação ou rejeição das ciências cognitivas nos estudos em letramento. Entretanto, já há algum tempo que vertentes das ciências cognitivas têm defendido

que a cognição é de natureza corporificada, situada e social⁷. Já na década de 1970, a Linguística Cognitiva (LC) surge como uma dessas vertentes.

A partir do trabalho de teóricos interessados na relação entre cognição, linguagem e sociedade (como Charles Fillmore, George Lakoff, Ronald Langacker), começa-se a enfrentar as ideais da perspectiva então predominante de que a estrutura e a significação linguísticas poderiam ser explicadas por características internas e específicas da linguagem, de que a mente seria um autônomo e modular sistema de manipulação simbólica e de que as representações mentais seriam símbolos das coisas do mundo. Em vez disso, a LC voltou-se para o estudo da linguagem e sua relação com “nossa experiência enquanto organismos corporificados funcionando em interação com um ambiente” (JOHNSON, 1987, p. XVI), fundando a concepção de “mente corporificada” (*embodied mind*).

Segundo essa nova perspectiva, há uma relação de mútua e contínua influência entre nossa configuração biológica (estrutura neural, perceptual, sensório-motora e musculoesquelética) em interação com nosso entorno biosocioafetivocultural e nossa organização conceptual mais abstrata, incluindo a estrutura linguística.

Evidências encontradas nos estudos sobre os modos de pensamento e organização não-ocidentais, sobre a formação de conceitos, sobre categorização e sobre a variação semântica (ver JOHNSON, 1987) reforçaram o papel do corpo (sistemas perceptuais e motores) na configuração de nosso sistema conceptual, ou seja, da experiência sensório-motora e perceptual (somática) na formação de nossos conceitos.

Como argumentado pela pragmática, em primeiro lugar, a experiência nunca foi ontologicamente bifurcada, até podemos identificar aspectos de nossa experiência unificada e abstratizá-los como se fossem entidades separadas e distintas estruturas ou processos. Experiências vêm como um todo contínuo, a partir do qual fazemos distinções e construímos padrões abstratos desse todo qualitativo. Sob esse ponto de vista, cognição é um processo orgânico, corporificado de enação em que o organismo está dinamicamente articulado com seu entorno, e não separado ou alienado dele. [...] Os padrões desse nosso engajamento são padrões sensório-motor, esquemas imagéticos, metáforas conceptuais e outras estruturas imaginativas. (JOHNSON, 2007, p. 145)

⁷Há ainda abordagens que compreendem a cognição também como distribuída, ou seja, ela acontece para além dos nossos corpos, nos ambientes e artefatos que nos rodeiam e a partir das possibilidades de interação eles nos apresentam. Há possibilidade de aproximação entre essas abordagens e a discussão proposta por Harold Innis e outros teóricos sobre o papel da mídia (mediação material), mas esse seria assunto para um outro ensaio ou artigo.

Na contramão do dualismo cartesiano, a LC concebe cérebro/mente e corpo como um organismo indissociável, e é esse organismo como um todo (não apenas o cérebro) que interage com o nosso mundo (físico e social). A cognição, nesse sentido, deixa de ser entendida como uma operação interna de manipulação simbólica e passa a ser entendida numa perspectiva ecológica.

Essa perspectiva nos leva à compreensão de que a linguagem, antes de ser um sistema representacional, é um trabalho intersubjetivo que nos permite estabilizar, mesmo que transitoriamente, o conteúdo variável de nossas experiências. As atividades cognitivas, por sua vez, deixando de ser compreendidas em separado da interação do corpo com o meio e à parte da vida social, passam a ser consideradas como parcela fundamental da ação conjunta que se dá na atividade linguística. (DUQUE, no prelo)

As características estruturais e relacionais de tais experiências⁸ recorrentes são armazenadas sob a forma de padrões cognitivos estabilizados (esquemas imagéticos⁹ e *frames*). Esses padrões são estáveis, porém não estáticos. Sua principal característica é a flexibilidade, uma vez que são “acessados” a todo o momento para dar sentido a novas informações e por elas são retroalimentados.

Numa perspectiva corporificada, de acordo com Lakoff e Johnson (cf. 1999, p. 37-38), as mesmas estruturas neurais engajadas na percepção, no movimento corporal ou na manipulação de objetos são também responsáveis pela conceptualização e raciocínio. Estruturas conceptuais seriam, portanto, “estruturas neurais que nos permitem caracterizar nossas categorias e raciocinar sobre elas” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 19).

Em termos simples, nossa tenra experiência de estarmos dentro ou fora de um berço, de uma casa, de uma banheira ou de nos levantarmos e nos abaixarmos,

⁸De acordo com Johnson, a noção de “experiência” deve aqui ser entendida de maneira bem ampla, incluindo as dimensões perceptuais básicas, motoras, emocionais, históricas, sociais e linguísticas.

⁹Esquemas imagéticos são imagens multi-estésicas (mapas perceptuais) que esquematicamente representam características estruturais e relacionais de recorrentes interações organismo-ambiente armazenadas em nossa memória de longo termo, experiências sensório-motoras, tais como deslocamento no espaço, e seus aspectos perceptuais, como, por exemplo, orientação, equilíbrio, forma etc. Os *frames* também correspondem a estruturas cognitivas complexas, mas guardam informações esquematizadas de nossas interações sociais, roteiro, constituição de cenários, categorias etc.

nos possibilitam construir esquemas imagéticos¹⁰ do que seja um CONTEINER, com seu interior, exterior, limites, conteúdo e portal de acesso, ou do que seja ACIMA e ABAIXO, ou ainda VERTICALIDADE. Nossa experiência em uma dada cultura utiliza tais estruturas sinestésicas de nossa experiência e, por meio de projeções metafóricas e metonímicas, nos possibilita, por exemplo, diferenciar contêineres e conteúdos com os quais interagimos, uma geladeira de um guarda-roupas, por exemplo.

Tais estruturas cognitivas estáveis podem ser compreendidas como “representações neurais, que são modificações biológicas criadas por aprendizagem num circuito de neurônios” (DAMÁSIO, 2012, p. 96), e seriam ativados como padrões neurais com atividade sincronizada em diversas regiões cerebrais.

Toda atividade cognitiva, ativação desses conjuntos ou padrões neuronais, se dá no encontro entre organismo e mundo, possibilitando a construção *online* (situada) dos significados e um constante retroalinhamento dos *frames*.

Nesse “encontro com o mundo ao nosso redor”, nossa configuração física e a do nosso entorno nos possibilitam a extração de *affordances*¹¹. Cunhado por Gibson (1986/2015), esse termo diz respeito às possibilidades de interação entre os indivíduos e as coisas em seus ambientes. “Nesse sentido, superfícies possibilitam locomoção, alguns objetos possibilitam manuseio e alguns animais possibilitam interação” (DUQUE; COSTA, 2012, p. 117).

Um tipo recorrente de manipulação/uso de um dado objeto em uma dada cultura pode cristalizar ou tornar prototípicas e até exclusivas determinadas *affordances*, mas apenas as características físicas e/ou biológicas dos objetos ou dos agentes que interagem com eles podem servir de restrições à extração de novas *affordances*.

É interessante notar que colocar o corpo como centro da experiência e da cognição humana, logo do processo de construção e significação do(s) mundo(s) que nos rodeia(m), não significa buscar a universalidade dos significados. Apesar de possuímos uma mesma configuração biológica, as possibilidades de encontro desses corpos com seu entorno físico e social, as possibilidades de experiência desses corpos variam de cultura para cultura, logo, possibilitam construções de padrões de significação variados, plurais. Pensar o corpo ou os corpos que são tomados como

¹⁰A grafia dos nomes de *frames* ou esquemas imagéticos em letras maiúsculas é uma convenção notacional utilizada na LC.

¹¹Voltaremos a esse conceito no decorrer de nossa discussão.

prototípicos da experiência humana em uma dada cultura, logo em um dado sistema conceptual, explica muito do que entendemos e/ou defendemos por acessibilidade, normalidade, beleza. Pensar sobre o apagamento da pluralidade dessa experiência sensório-motora e perceptual dentro de regimes de poder e controle durante a construção desses sistemas conceptuais é reforçar a existência de algo essencial ou a priori da existência e experiência humanas. Uma cognição corporificada é, portanto, compatível com de-sedimentação do *logos* e construção/compreensão da realidade contemporânea.

Tal perspectiva toma o corpo não apenas como suporte à vida, mas como conteúdo e parte integrante da cognição, raciocínio e compreensão humana.

A linguagem, nessa perspectiva, é compreendida como uma capacidade cognitiva geral de estruturação do nosso conhecimento. Assim, a construção de significados para os mais diferentes tipos de estímulos, incluindo para as estruturas linguísticas, relaciona-se aos padrões recorrentes de experiências corporificadas e interação social e ao nosso aparato sensório motor e perceptual.

Um ponto crucial nesta perspectiva é que cognição consiste em

Uma maneira de ter um mundo, a maneira de experienciar o nosso mundo como uma realidade compreensível. Tal compreensão [cognição], portanto, envolve *todo o nosso ser* – nossas capacidades e habilidades corporais, nossos valores, nossos modos e atitudes, nossa inteira tradição cultural, a maneira como nos ligamos à comunidade linguística, à nossa sensibilidade estética e assim por diante. (JONHSON, 1987, p. 117)

Interfaces entre cognição corporificada e letramentos contemporâneos

Assim como aponta Bauman (1992, p. 64), a pós-modernidade consiste em “uma profunda transformação social – provocada pelo desenvolvimento moderno, mas em uma série de aspectos vitais descontínuos com ele”. Entre essas vitais descontinuidades, encontra-se a dissipação da objetividade. A contemporaneidade legitimou a pluralidade na construção de versões públicas do mundo que não são nem independentes nem *a priori* da existência dos indivíduos.

Citando François Lyotard, Bauman aponta para a “‘atomização’ do social dentro de flexíveis redes de jogos de linguagem” (idem, p.37), nas quais cada vez mais as unidades sociais são compreendidas como fundadas somente na linguagem. Tais unidades sociais são, portanto, fluidas, processuais e inerentemente flexíveis,

dependentes das práticas situadas de seus membros para existirem, se legitimarem e se manterem.

Jogos de linguagem estão sobrecarregados com uma tarefa nada invejável de constituir a presença a ser legitimada, em vez de se preocuparem apenas com a legitimação de uma presença já garantida por outros meios. Os limites são eles próprios as apostas e resultados provisórios das estratégias linguísticas.

Isso explica o crescente interesse no estudo de práticas de letramento nos contextos sociais (cultural, histórico, político e econômico) particulares de que são parte e nos quais operam (BAYNHAN; PRINSLOO, 2009). Mas, conforme discutido até aqui, fazem parte dessas práticas de construção e significação da 'realidade' ao nosso redor a configuração física e biológica dos seus participantes, ou seja, seus corpos, e os específicos tipos de interação que essa particular configuração possibilita.

Nessa experiência conjunta, situada econômica, sócio e historicamente de construção e manutenção de versões públicas de mundo em "jogos de linguagem", estabilizamos e compartilhamos padrões de experiências recorrentes, os quais armazenamos em nossos cérebros e aos quais recorreremos para estruturar e significar experiências futuras. Também desestabilizamos e reformulamos ou descartamos padrões já armazenados anteriormente, mas considerados não mais produtivos.

Toda ação social consiste, portanto, em uma ação cognitiva. Construimos e monitoramos, na maioria das vezes de maneira não consciente, representações mentais/neurais dos estados do nosso organismo (corpo e mente/sistema nervoso) "à medida que [ele] é perturbado pelos estímulos do meio ambiente físico e social, e à medida que atua sobre esse meio" (DAMÁSIO, 2012, p. 202). As próprias representações do mundo exterior se dão em termos "das modificações que produz no corpo propriamente dito" (idem, p. 205), desde o rubor ou lividez (como resposta à necessidade de regulação bioquímica) à ação (movimento de um membro) ou extração de *affordances*.

Nesse sentido, Blommaert, em seu *Grassroots Literacy*, ao discutir questões relativas à mobilidade das vozes nos regimes e economias de letramentos, parece coadunar com o conceito de padrões cognitivos estabilizados (*frames*), uma vez que tais questões implicam em organização, categorização, armazenamento e prática da

“totalidade de recursos comunicativos, conhecimentos sobre suas funções e suas condições de uso” (BLOMMAERT, 2007, p. 14) no processo de escrita.

As relações de poder e desigualdade que configuram as práticas de letramento no atual mundo “globalizado” são, segundo esse autor, fruto de choques de diferentes conjuntos de experiências padronizadas, estabilizados e estratificados das práticas de letramentos locais: padrões histórico-míticos em narrativas (p. 22), padrões sociais de escrita (p. 23), padrões e princípios organizacionais [do discurso] (p. 28), padrões de organização dos recursos comunicativos para a construção de significados específicos (p. 28) e mesmo a categorização de um não-familiar padrão como a ausência de padrão (p. 30). Em outras palavras, nossas experiências de uso da linguagem em contextos específicos no levam a construir padrões estabilizados do que conta como escrita, texto, documento.

O conceito de *frames*, qual estrutura cognitiva complexa construída a partir de nossa experiência, e constantemente retroalimentada por ela, pode somar-se, como aparato conceitual, à proposta de um “etnográfico entendimento das grassroots literacies em uma época de globalização” (idem, p. 16), tanto no que diz respeito ao mapeamento das características que remetem às economias locais de letramentos, bem como as relações dessas características com seu potencial de mobilidade através de contextos translocais.

Conforme defende DUQUE (no prelo),

A linguagem esteja relacionada a atividades cognitivas realizadas pelos sujeitos conjuntamente. É a partir dessas atividades que organizamos e damos forma às nossas experiências. O pressuposto aqui defendido nos leva a considerar os processos de categorização, que permitem ordenarmos cognitivamente e discursivamente o mundo à nossa volta, como função primária da linguagem. Nesse sentido, o foco de investigação se desloca para o trabalho de elaboração, organização e manipulação de esquemas interpretativos e imaginativos relacionados à natureza construcional das operações cognitivas. Em última instância, são esses esquemas que nos permitem conhecer e falar sobre tudo aquilo que nos cerca.

As relações de poder e suas divisões hierárquicas também encontram-se inscritas no adestramento dos corpos, nas possibilidades que a cultura e o social nos dão de perceber e manipular esses corpos, experiências que possibilitam a construção de padrões significativos (*frames*) de categorização e de ação.

Nesse sentido, Kathy Mills, em sua proposta de Letramentos Sensoriais, aproxima-se da noção de cognição corporificada ao chamar a atenção para a corporeidade (*embodiment*) e a multisensorialidade das práticas de letramento e de comunicação, incluindo suas tecnologias de mediação e produção.

Para ela,

o reconhecimento da dimensão corporificada de práticas de letramento não entra em conflito com os princípios estabelecidos de estudos sócio culturais de letramento (...). Em vez disso, por reconhecer diferentes comunidades de prática e suas diferentes maneiras corporais de construir sentido, pontos de vista sócio-culturais de letramento podem apoiar abordagens sensoriais, iluminando quadros culturais [*frames*] de referência para práticas de letramento somáticas através de culturas, sub-culturas e lugares sociais. (idem, p. 138)

O movimento que a autora descreve de voltar a atenção para o corpo e os sentidos que ele possibilita construir em práticas de letramento em torno dos espaços/lugares, da comunicação e interação mediada por tecnologia, a LC faz em relação à linguagem verbal.

Ancorado na concepção de linguagem como manifestação dinâmica da cognição e que, portanto, adota o pressuposto de que as categorias linguísticas se organizam e se estruturam a partir de princípios que também regem outros sistemas cognitivos. Hoje, a Linguística Cognitiva, atenta às acomodações mútuas entre linguagem, cognição e corporalidade, assume para si a tarefa de descrever e explicar a configuração gramatical das línguas concomitantemente aos processos de construção conceptual. Tais processos atestam as relações entre o organismo e o seu meio e entre os aspectos estruturais e a dinâmica sociocultural. (DUQUE, no prelo)

Kathy Mills também toma como pressuposto para sua abordagem, justamente a não separação entre mente e corpo nas práticas sociais e de letramento. Como ela mesma esclarece, não se trata de uma divinização do corpo, mas do reconhecimento do esquecido papel do corpo e dos sentidos nas práticas de letramento.

Mills retoma o papel central que o corpo teve nos estudos sobre poder, autoridade e reprodução cultural de Foucault e Bourdieu, respectivamente. Também discute a natureza espacialmente situada da experiência e aprendizado humano, bem como na construção de sentidos.

uma prática corporificada é uma atividade culturalmente sancionada e culturalmente aprendida que é realizada pelo ser humano individual movendo-se através do tempo e espaço”. (HAAS, 1996, apud MILLS, p. 147)

A proposta de uma abordagem sensorial das práticas de letramento reforça a concepção de que o conhecimento, o aprendizado humanos, bem como a compreensão e produção de linguagem, se dão por meio da ação do corpo, da estabilização e armazenamento das práticas corporificadas que compõem a vida social e certas convenções culturais (*frames*), bem como da abstratização (projeção metafórica, por exemplo) dessa experiência “para além do mundo material, podendo trazer coerência para identificar e organizar relações entre experiências” (idem, p. 149).

Os letramentos sensoriais também destacam que as novas maneiras de interagir (*affordances*) apresentadas pelos aparatos digitais móveis e responsivos ao movimento humano (toque, movimentar das mãos e braços, respiração, fixação dos olhos e outras formas sensoriais) podem ser responsáveis pela construção de novas formas de representar e significar o mundo em que/sobre o qual falamos e construímos nossas experiências em sociedade. Mais uma vez, percebemos uma relação de congruência entre os bases lançadas para Letramentos Sensoriais e a base da LC: a relação entre experiência e estruturação do nosso sistema conceptual.

Apesar das infinitas *affordances* possíveis, a tradição ocidental nos legou um ocularcentrismo e um verbocentrismo que muitas vezes quase anulam percepções vindas de outros sentidos. Entretanto, outras culturas podem dar espaços maiores e mais privilegiados a outros sentidos ou capacidades humanas na significação de seu mundo. Isso só reforça que as práticas a que nossos corpos são submetidos são de natureza sócio e historicamente situada, variando através das culturas e dos espaços sociais, econômicos e geográficos.

Mesmo a experiência com a linguagem verbal, o processo de construção de significados para estímulos linguísticos não se dá em separado das outras capacidades sensoriais humanas.

É através de conexões corpóreas significativas e encontros entre pessoas, textos e tecnologias, ao invés de através do desenvolvimento de habilidades de mentes sozinhas, que indivíduos podem mudar de novatos para membros experientes de uma comunidade de práticas letradas. (Wenger, 1998 apud Mills p. 147)

A cognição, como advogado pela LC, opõe-se a uma perspectiva de uma mente separada de seu entorno. Toda atividade cognitiva se dá no encontro, na interação do sujeito com outros sujeitos e com o seu entorno. Não se trata, no entanto, de um exemplar de “*um* sujeito cognoscitivo, situado numa terra-de-ninguém universal” (MIGNOLO, 2003, p. 42). Cada interação é sócio, afetiva e historicamente marcada; se dá a partir dos registro estabilizados das semantizações anteriores do “mundo”, das situações e dos sujeitos; a partir dos “rastros” das experiências histórica e geograficamente compartilhadas.

Considerações finais

Como discutido até o momento, dar atenção à configuração social, às relações de poder e desigualdade que envolvem as práticas de letramento e os conflitos em torno das legitimidades de tais práticas não significa necessariamente afastar-se de aspectos cognitivos.

A tradição filosófica ocidental, principalmente desde Descartes, separou a cognição (mente) da experiência (corpo), com graves consequências. Essa visão internalista e transcendental da atividade mental serviu durante muitos séculos (e ainda hoje serve) para justificar classificações arbitrárias e subalternização de povos e regimes de conhecimentos.

Desde os anos 1970, entretanto, tem se fortalecido uma abordagem cognitivista que considera a cognição como uma atividade cinestésica de apreensão, organização, interpretação e construção do nosso entorno sócio histórico e “natural”¹². Trata-se de uma cognição corporificada, situada e distribuída. Nessa perspectiva, a Linguística Cognitiva Corporificada vem se desenvolvendo um aparato conceitual que apresenta interessantes pontos de intersecção com os Estudos em Letramentos: desde seu aspecto contextualizado e sua preocupação com questões de poder e desigualdade à seu aspecto sensorial e mediado.

¹²Segundo Beck (1997, p.40), atualmente, período que ele chama de Modernidade Reflexiva, mesmo a natureza tem perdido seu caráter “pré-ordenado” ou objetivo e externo à ação humana, passando a figurar como “projeto social”, um produto, “natureza interna integral e ajustável”.

Defendemos que a corporeidade da mente e do letramento vai além das concretas e óbvias maneiras em que todo o corpo está engajado na produção, veiculação e recepção de textos escritos. A corporeidade é constitutiva do nosso sistema conceptual e da própria estrutura da língua¹³, além de as áreas cerebrais responsáveis pelo aparato sensoriomotor e perceptual também estarem engajadas na compreensão da língua(gem).

Além disso, a abertura para a relativização e reconfiguração que um sistema conceptual formatado a partir de nossa experiência cinestésica e social nos permite pode ser de grande contribuição na construção de perspectivas críticas acerca dos regimes de letramentos hegemônicos.

Referências

BAUMAN, Z. **Intimations of postmodernity**. London: Routledge, 1992.

BARDONE, E. **Seeking Chances – From Biased Rationality to Distributed Cognition**. Verlag, Berlin, Heidelberg: Springer, 2011.

BECK, U. **A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva**. In.: *Modernização Reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOURDIEU, P. **The economics of linguistic exchanges**. *Social Sciences Information*. v. 16, n. 6, dez/1977, p. 645–668. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjLIZ2x_PjOAhVKE5AKHZ6eC48QFggqMAI&url=http%3A%2F%2Fweb.stanford.edu%2F~eckert%2FPDF%2FBourdieu1977.pdf&usg=AFQjCNF6_nVmb3dguV9d70BCc_TI1tnRrQ&bvm=bv.131783435,d.Y2I. Acesso em: 23 ago. 2016.

BAYNHAM, M.; PRINSLOO, M. **The Future of Literacy Studies**. London: Palgrave Macmillan, 2009.

BLOMMAERT, J. **Grassroots Literacy. Writing, identity and voice in Central Africa**. London: Routledge, (Manuscript) November, 2007.

¹³Para uma discussão mais ampla sobre a corporeidade na estruturação da língua(gem) ver DUQUE; COSTA. *LINGUÍSTICA COGNITIVA: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2012.

BROCKMEIER, J.; OLSON, D. R. The Literacy Episteme From Innis to Derrida. In: OLSON, D. R.; Torrance, N. **The Cambridge Handbook of Literacy**. Cambridge University Press, 2009.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

DUQUE, P. H; COSTA, M. A. **Gramática de construções e simulação mental: construindo sentidos e arquitetando contextos**. In: MOURA, H.; GABRIEL, R. *Cognição na Linguagem*. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **LINGUÍSTICA COGNITIVA**: Em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EDUFRN, 2012.

_____. **As relações entre linguagem, cognição e corporalidade**: novas fronteiras nos estudos da linguagem. In: *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Cadernos do CNLF, Volume XV, no.03. LIVRO DOS MINICURSOS*. Instituto de Letras da UERJ, 22 a 26 de agosto de 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/minicursos/04.pdf. Acesso em: 23 ago. 16.

GIBSON, J. J. **Ecological Approach to Visual Perception**. New York: Psychology Press, 1986/2015.

HUTCHINS, E. **Cognition in the wild**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

JONHSON, M. **The Body in The Mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: Chicago University Press, 1987.

_____. **The meaning of the body**: aesthetics of human understanding. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007. SINHA, 1988; HUTCHINS, 1995, BARDONE, 2011.

LAKOFF, G. **Woman, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chigago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

KOCH, I. V.; CUNHA LIMA, M. L. **Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3, 5ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 9-76.

MILLS, K. A. **Literacy theories for the Digital Age**. Social, Critical, Multimodal, Spatial, and Sensory Lenses. Bristol • Buffalo • Toronto: MULTILINGUAL MATTERS, 2016.

PINTO, J.P.M.S.; de Jesus, A.N. A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental. **Motriz**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 6, n. 2, p. 89-96. jul./dez. 2000.

SINHA, C. **Language and Representation**: A socio-naturalistic approach to human development. Loughborough: Harvester-Wheatsheaf, 1988.

TEIXEIRA, J. F. **Mente, cérebro e cognição**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.